

# sobre o céu

## Detanico Lain

dizem que há 13 mil milhões de anos toda a matéria que hoje constitui esta página, o texto, você que o lê e quem o escreveu, o chão que pisamos e as nuvens no céu, a terra, o sol, a lua ou a mais distante estrela no universo, estava concentrada num único ponto de densidade e temperatura infinitas.

num instante este tudo que é ponto expande-se em tudo. começa o universo. e começa uma história que se desenrola até ao ponto em que seres conscientes possam escrevê-la. seres que contam, que escrevem, que descrevem. quando os nossos antepassados voltaram os seus olhos para o infinito, tentaram encontrar padrões, reconhecer ciclos, orientar-se através dos objetos luminosos que cruzavam o céu. procuraram sentido. deram nomes, ligaram estrelas em constelações de mitos, classificaram, sistematizaram, em ordem de magnitude, em ordem alfabética. e julgaram compreender.

no universo nada é fixo, tudo se move. não se pode percorrer duas vezes o mesmo rio, disse heráclito de éfeso. em movimento contínuo até ao final dos tempos, tempo em que toda a matéria se dispersará num epílogo do universo. e as estrelas apagarão. e mesmo a matéria mais estável perder-se-á em partículas subatómicas.

até onde sabemos, o grego hiparco foi o primeiro a publicar um catálogo de estrelas, reunindo observações feitas desde os caldeus na mesopotâmia. a sua lista, hoje desaparecida, chegou até nós através do almagesto, uma compilação escrita por ptolomeu no século II em alexandria. ao longo do tempo, a lista transformou-se e transformaram-se os nomes, traduzidos do grego para o árabe, do árabe para o latim, do latim até nós. misturando mitos, incorporando culturas. céu de várias línguas, céu de babel.

em 1603 johannes bayer propôs um novo sistema de classificação de estrelas por ordem de magnitude. dentro de cada constelação, as estrelas seriam ordenadas seguindo o alfabeto grego, sendo alfa a mais brilhante, beta, a segunda, gama, a terceira, e assim por diante até ômega, a menos visível. céu de letras/estrelas.

se as estrelas são letras, todos os textos de todos os tempos podem ser escritos no céu. punti luminosi. infinitas combinações de um número finito de elementos. vinte e quatro. horas do dia. um dia que passa num jardim suspenso em kyoto. uma imagem básica do tempo, reduzido a zeros e uns, a sim e não, a brilho e escuridão. uma trama, um texto em branco e preto que descreve uma paisagem selecionada. no chão do jardim, pedrinhas brancas desenham círculos concêntricos que evocam o movimento de ondas na superfície de um lago, ou a infinita expansão da matéria no universo. este jardim é conhecido como o jardim das nuvens.

palavras vêm e vão como nuvens. flutuam no ar e desaparecem sem deixar vestígios. movem-se a velocidades diferentes, descrevendo o horizonte. existem no tempo e no espaço por um instante e sobre elas, o céu, no céu, a lua, crescente, cheia, minguante, nova.

# about the sky

## Detanico Lain

they say that 13 billion years ago all the matter that today makes up this page, this text, you now reading it and the person who wrote it, the ground where we stand and the clouds in the sky, the earth, the sun, the moon, or the most distant star in the universe, existed in a single point of infinite density and temperature.

in a breath of time, this unintelligible wholeness grows into everything. the universe begins. a story that unfolds into the moment when sentient beings can write about it. beings that count, write, and recount. when our ancestors looked into the infinite they sought to find patterns, to recognize cycles, to be guided by the luminous objects that traversed their skies. they sought meaning. they named the stars, they grouped them into mythological constellations, they classified, systematized, in orders of magnitude, alphabetically. and they thought to understand.

in the universe everything changes and nothing remains still. no man ever steps in the same river twice, as was said by heraclitus of ephesus. in continuous movement until the end of time, when, as the epilogue of our universe, all matter will be dispersed. and stars will go out. and even the most stable matter will disintegrate in subatomic particles.

as far as our knowledge goes the greek hipparchus was the first to publish a star catalogue, compiling observations that went as far back as to be attributed to the chaldeans in mesopotamia. now lost, we know about his list thanks to the almagest, a treatise written by ptolemy in the 2<sup>nd</sup> century of our era, in alexandria. over time, the list was transformed, the names were changed, translated from the greek to arabic, from the arabic to latin, and from latin to our modern languages. merging myths, assimilating cultures. sky of many languages, sky of babel.

in 1603 johannes bayer proposed a new system to classify stars, ordering them by magnitude. in each constellation, stars would be ordered according to the greek alphabet, alpha the brightest, beta the second brightest, gamma the third, and so on until omega. sky of letters/stars.

if stars are letters, all texts of all times can be written in the sky. punti luminosi. infinite combinations of a finite set of elements. twenty-four. hours in a day. a day goes by in a garden in kyoto. a basic image of time, reduced to zeroes and ones, yes and no, light and darkness. a pattern, a black and white texture describing a selected landscape. on the garden floor, white gravel draws concentric circles that evoke the movement of waves on the surface of a lake, or the infinite expansion of matter in the universe. this garden is known as the garden of clouds.

words come and go as clouds. they float in air and disappear without trace. they move at different speeds, describing the horizon. for a brief instant, they exist in time and space. above them, the sky, and in the sky, the moon, new, first, full, last.